

AKRÓPOLIS

REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIPAR

EDITORIAL

Existe um elemento distorcido no pensamento daqueles intelectuais que elegem o conflito como fator decisivo para as mudanças sociais. Exacerbando o conflito, imaginam ser o homem capaz de solucionar todos os problemas coletivos, particularmente aqueles que dizem respeito às desigualdades sociais. Que o antagonismo e a oposição sejam estimulantes à ação e necessários ao progresso humano, não resta dúvida. São leis impressas na natureza do homem e essenciais ao processo de seu desenvolvimento. Sob este aspecto, o contraponto é uma necessidade para uma acurada avaliação da próprias posições.

Mas constituir o antagonismo, a oposição, o conflito e a luta entre indivíduos e classes como razão e/ou motivação valorativa última da ação humana é negar uma gama interminável de outros valores, especialmente aqueles da paz, tolerância, equilíbrio, cordialidade, prudência, amabilidade e outros, também importantes, necessários e capazes, por sua vez, de contribuir para o desenvolvimento

pessoal e coletivo. Nada, nenhuma ação ou reação se justificam por si mesmas. Há que se distinguir e separar a realidade histórica - na qual os fenômenos acontecem - do modo de interpretação possível às diferentes posições ideológicas. Entre ambos, situa-se um insubstituível mecanismo de radicalidade e transcendência que ultrapassa toda interpretação. O que se tem visto são disputas pela imposição do modo e não pela busca da transcendente radicalidade.

O elemento de distorção encontra-se, pois, na pretensão intelectual daqueles que se imaginam iluminados e se entregam à convicção de haver descoberto a verdade última para a análise e compreensão dos fenômenos humanos. Ora, o conflito pode estender-se indefinidamente diz o sociólogo italiano, Francesco Alberoni, sem promover a paz, estimulando uma eterna cadeia de vinganças familiares ou tribais, como os choques decorrentes de modos distintos de conceber a organização social, a atividade política, o ordenamento econômico, o relacionamento com Deus,

presentes em muitos países. Tais posições intelectuais, enquanto em oposição, inconciliáveis e unilaterais, subsidiam e promovem ações contrárias à busca da parceria, da conjunção de esforços e do equilíbrio no embate das divergências. Ora, perante um tribunal não bastam as razões da acusação e da defesa. *Ambas podem estar convencidas das suas razões e expô-las inumeráveis vezes, sempre com novos argumentos em seu favor, sem que a causa da justiça dê um passo adiante.* (sic). O conflito, o antagonismo, as divergências são um dado inelutável para o aparecimento do sentido essencial e transcendental da existência pessoal e coletiva, não para a certificação pessoal de um modo de concebê-la e a sua conseqüente imposição a outros indivíduos ou segmentos sociais.

Em matéria de conhecimento da natureza humana não há regra fixa; não há dogmas; não há verdade pronta e acabada. É por isso que muitos filósofos, antigos e modernos, se insurgem contra doutrinas imperativas e contra seus pressupostos dogmáticos. O conflito intelectual jamais será extirpado por mecanismos normais. Ele será, sim, o grande móvel da academia. O interior da academia é o espaço adequado para o antagonismo e o conflito de idéias que podem induzir à superação do senso comum. O senso comum que rege a visão de homem e de mundo da grande massa social é uma concepção apoucada e não refletida de relação com os fenômenos do cotidiano. Funda-se em razões de base preconceituosa, nos sentimentos, nas

emoções, nos gostos e preferências que corrompem o exercício consentido da racionalidade.

O que importa é a abertura para o sentido maior dos fenômenos, que transcende ao aqui e agora. A razão esclarecida não se move pelas aparências. Parte delas em perseguição ao sentido essencial dos fenômenos. A essência e o seu sentido transcendente é o que importa.

A academia é um dos lugares apropriados para a realização desse projeto. E a difusão dos resultados do pensamento refletido e amadurecido na dura luta do pensar uma contribuição indispensável para o aprimoramento pessoal e social.

A Revista Akrópolis sente-se útil na medida em que colabora para sucesso da empreitada daqueles que se encontram no caminho sereno e isento da busca. Ela se constitui um instrumento apropriado para levar avante os resultados da investigação e do debate sobre fenômenos que inquietam, angustiam e provocam o intelecto. Trimestralmente traz a público resultados importantes de esforços individuais e grupais. Trata-se de resultados da boa disputa no plano das idéias, uma contribuição para a investigação e análise dos fenômenos humanos que corroboram para o desenvolvimento pessoal e social.

Antônio Frederico Zancanaro